

Investimento volta ao Brasil

Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**

São Paulo — Dois meses depois dos atentados terroristas de 11 de setembro nos Estados Unidos, empresas e bancos brasileiros retomaram o acesso ao mercado internacional de capitais. Como o Brasil não está sendo contaminado pela crise argentina neste momento, o humor dos grandes investidores melhorou em relação ao país. Não é à toa que a Brasil Telecom (BT — *leia texto ao lado*) lançou ontem títulos, ADRs nível 2, que permitirão o aumento das vendas das suas ações em Nova York, que deverão se valorizar. O Bradesco seguirá o mesmo caminho no próximo dia 21. As empresas esperam se tornar mais confiáveis para grandes investidores, pois lá exibirão suas contabilidades no padrão aceito nos Estados Unidos. "Essa transparência aumenta a exposição das empresas, o que facilitará a captação de recursos no exterior", comentou Orlando Viscardi, diretor de ADR do Citibank,

A listagem dos títulos em Nova York é um processo demorado, que dura pelo menos oito meses. Embora Viscardi afirme que as operações da BT e do Bradesco não seriam adiadas se o Brasil estivesse sendo visto de forma desfavorável pelos investidores, ele admite que tais lançamentos nas atuais circunstâncias ajudarão as companhias. "É uma feliz coincidência isso ocorrer quando o mercado de ações nos Estados Unidos está dando sinais de melhora".

Logo depois dos ataques terroristas, os investidores internacionais se retraíram e só realizaram aplicações mais seguras, especialmente em títulos do governo norte-americano. Como consequência, as empresas e bancos brasileiros captaram em setembro apenas US\$ 80 milhões, contra US\$ 2 bilhões no mesmo mês de 2000, segundo a Associação Nacional de Bancos de Investimento (Anbid).

O Bradesco inaugurou o descongelamento do mercado com o Brasil no dia 16 de outubro. O banco pretendia captar US\$ 100 milhões em eurobônus com prazo de um ano de vencimento,

mas a procura foi maior que o esperado, o que elevou a quantia para US\$ 200 milhões. Os juros ficaram em 5,75%, taxa que hoje não passaria de 4,9%, segundo um diretor de um dos maiores bancos do país. "Foi um valor caro, mas diante das circunstâncias daquele momento, a operação foi bem interessante", afirmou José Guilherme Lembi de Faria, diretor-executivo.

Logo depois, no dia 30 de outubro, foi a vez da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) obter US\$ 220 milhões nos Estados Unidos para aplicá-los no financiamento das exportações de seus produtos para clientes estrangeiros. Uma parte do dinheiro, US\$ 140 milhões, tem vencimento em doze meses, a juros de 4,3% ao ano. Os outros US\$ 80 milhões têm prazo de 24 meses, a juros de 6,2% ao ano. Tais taxas, segundo analistas do setor, ficaram em níveis razoáveis. "(Isso) reflete, sem dúvida, o elevado nível de confiança que o mercado financeiro deposita no desempenho da CSN, mesmo em um período de complexidade econômica e volatilidade", comentou Maria Silvia Bastos Marques, presidente.

MERCADO INTERNACIONAL

Em 7 de novembro, o banco Itaú captou US\$ 80 milhões. Os recursos vencerão em dez anos e representam um aumento na captação de US\$ 343 milhões realizada nos mercados norte-americano, europeu e japonês no dia 3 de agosto. Naquela data, os juros pagos pelo banco ficaram em 10,2%. Na operação ocorrida há duas semanas, a taxa ~~caiu para 9,17%~~ "A redução do custo financeiro demonstra que os investidores aumentaram a confiança no Brasil e no seu setor privado", avaliou um dirigente do banco.

Embora empresas e bancos estejam recuperando o acesso ao mercado internacional, o fluxo de capitais só melhorará em fevereiro ou março, segundo Luis Fernando Lopes, do JP Morgan. "Os investidores só vão reestabelecer a aplicação de recursos como faziam antes de 11 de setembro quando a economia mundial, especialmente a dos Estados Unidos, der sinais mais sólidos de recuperação", afirmou.